

VITRINE DE CURIOSIDADES

SAPATOS, VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS

Couro e madeira

Finais do século XVII a primeira metade do século XIX
Nave da Igreja de Nossa Senhora da Guia, Angra do Heroísmo
MAHR.2019.265 a 268

Sapatos me daria elle [sapateiro], / Se vós me desseis dinheiro.
Gil Vicente, *A Farsa de Inês Pereira*.

O que de permeio separa a planta dos pés do chão – assaz designado por calçado – cumpriu e continua a cumprir, *stricto sensu*, a função primeva da sua origem: a de proteger a complexa e flexível estrutura de locomoção humana, o(s) pé(s). No entanto, da simplicidade construtiva das sandálias, porque apenas de sola e tiras confeccionadas, cedo se chegou à complexidade de envolver a perna, por vezes até à coxa, já a implicar os conhecimentos e a experiência da *gentil arte* de sapateiro.

Dos materiais que se utilizaram, ao longo dos tempos e nas mais distintas longitudes, o querer ditava o mote: o *banal* couro rendia-se perante madeiras exóticas, ouro, prata, pedras preciosas, marfim, brocados, veludos, sedas e rendas. Desta forma, porque somente o tamanho das bolsas limitava as vontades, também os sapatos – sob os seus mais variados moldes e designações – evidenciaram estratificações sociais. Se, contudo, fora a necessidade que levara ao conforto, este, esquecido ficou, quando a vaidade e a opulência se impuseram: na Europa do século XII, as pontiagudas biqueiras tinham crescido até alcançarem os sessenta centímetros de comprimento; no XVI, como os saltos não se revelavam suficientes para *ao céu chegar*, apensaram-se requintadas plataformas de cortiça ou de madeira – os *chapins* – com uma altura superior a sessenta e cinco centímetros; e o século XIX, hiperbolizou a fragilidade dos *chinelos* que, de tão finos a semelhar uma folha de papel, só poderiam ser ostentados portas adentro.

Assim, no contexto europeu de um *Antigo Regime* herdeiro – ainda que na esfera do simbólico – de hebraicas leis de Moisés, não será de estranhar que andar sem qualquer revestimento nos pés, exceto por penitência ou vocação, fosse encarado como um severo desvio aos padrões sociais instituídos. Por isso mesmo, a caridade cristã, sob a forma de esmolas – através de confrarias, irmandades ou misericórdias – não permitia que ninguém ressuscitasse para o Juízo Final em desvantagem, que é o mesmo que dizer, descalço. Na morte, por fim, as gentes se *igualavam*...

Estes vestígios de sapatos – levantados aquando da realização das sondagens arqueológicas, no decurso das obras de recuperação da igreja de Nossa Senhora da Guia, do antigo convento de São Francisco, o qual desde 1969, alberga o Museu de Angra do Heroísmo – são disso mesmo exemplo e integram a Coleção de Arqueologia desta instituição.